

Gravura? — 1

E COMO fui citada lembrando uma atividade já abandonada — a gravura — e mais particularmente a xilogravura, vou externar algumas opiniões, que, se não forem aceitas pela maioria ou minoria, correspondem a uma praxe de longos anos e com resultados senão de qualidade pelo menos de quantidade..

Farta-me à náusea o critério usado agora para julgar a gravura.

Ungido pelo instrumental medieval de que faz uso, a técnica transforma o gravador em um sofredor artesanal, uma espécie de alquimista do século XX.

Da perspectiva em que me encontro hoje, pude observar que o fenômeno desenvolveu-se a partir da visita de Friedlander ao Brasil.

(A mim não interessa se ele é um grande gravador, um grande mestre ou ótima praça).

Interessa isso sim a colaboração que por ventura tenha trazido para aqui. E essa colaboração foi nefasta.

De um grupo pequeno de gravadores que havia por aqui, sólidos e criadores, surgiu uma verdadeira avalanche de fazedores de caruncho no papel.

Fórmulas, receitas eram aprendidas com a volúpia de um «gourmet», todo um clima de

sobrefinamento, virtuosismo, dandismo instalou-se na gravura talho doce e passou-se (e aí o fulcro da questão) a admirar o trabalho dos gravadores do metal pelas maiores ou menores passagens pelo banho de ácido — A TÉCNICA PELA TÉCNICA.

Culturalmente isso significou o abandono de uma tradição, ainda que modesta, por uma experiência já pronta, resultado de uma cultura que remonta a séculos e que observadores mais argutos já sentiam o respirar ofegante.

E' sintomático (para ilustrar) o que li há algum tempo sobre as conclusões a que chegou um júri após prolongados debates: o premiado recebeu o laurel tão-somente pela pesquisa de «prensagem de arruelas, em branco sobre branco, num delicado e desprendido laboratório formal».

Por que enfatizar o lado do laboratório. A pesquisa é boa porque significa um extravasamento dos limites do plano do papel a uma terceira dimensão (não a da perspectiva do Renascimento), mas por uma, apoiada somente nos seus próprios meios. O relêvo no papel e o enriquecimento do branco por outro branco de natureza diversa.

A mim não interessa se são arruelas, in-

teressa, isto sim, se a solução plástica é boa como resultado.

Importa, isto sim, o aprofundamento estrutural.

Bem, voltando ao início.

O sofredor não existe. A verdade é bem outra. Ele é gravador por opção.

Usa buris, goivas, agulhas, etc., etc. e toda uma série de extensões da mão para ferir, rasgar, cortar o material de sua preferência.

E nem um pouco mais cruel ou dificultoso que os usados por outros artistas em outros meios de expressão.

Ah! As emanções dos ácidos. Os plásticos podem ser mortais. A fibra de vidro destrói o pulmão.

Voltemos à visão estética e filosófica do problema.

Se você encara a sua participação nas artes como uma atividade constantemente interrogada, então há que não esquecer que somente a pesquisa realizada pela vida afora pode responder às questões.

Se você é, no entanto, um acomodado, desencanado e sem grandes dúvidas e é habilidoso, tem bom gosto — você vegeta e não me interessa.